

Um
mundo de
oportunidades

V.5 2026

AGRO INSIGHT



Institucional

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Presidente da República

ANDRÉ CARLOS ALVES DE PAULA FILHO

Ministro de Estado da Agricultura e Pecuária

CLÉBER OLIVEIRA SOARES

Secretário-Executivo do Ministério da Agricultura e Pecuária

GUILHERME CAMPOS JÚNIOR

Secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura e Pecuária

CARLOS GOULART

Secretário de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura e Pecuária

LUIS RUA

Secretário de Comércio e Relações Internacionais do Ministério da Agricultura e Pecuária

MARCELO NARVAES FIADEIRO

Secretário de Inovação, Desenvolvimento Sustentável, Irrigação e Cooperativismo do Ministério da Agricultura e Pecuária

CIBELLE DE ANDRADE SILVA

Assessor Especial do Gabinete do Ministério da Agricultura e Pecuária

CARLA MADEIRA GONÇALVES SIMÕES DOS REIS

Chefe de Assessoria Especial de Comunicação Social do Ministério da Agricultura e Pecuária

Elaboração, distribuição, informações:

Ministério da Agricultura e Pecuária

Secretaria de Comércio e Relações Internacionais

Departamento de Promoção Comercial e Investimentos - DPR

Coordenação-Geral de Gestão dos Adidos Agrícolas

Endereço: Esplanada dos Ministérios, Bloco D - 3º andar, Sala 300

CEP: 70043-900 Brasília - DF

Tel.: (61) 3218-2821 e-mail: divulgacao.scri@agro.gov.br

Editorial:

Priscilla Burmann

João Huguenin

Coordenação:

Luís Rua

Augusto Billi

Carolina Eufemia Aquino de Sá

Ângela Pimenta Peres

Jennifer Santos Costa

Jennya Silva Brito

Equipe Técnica:

Rodrigo Lopes de Almeida

Eduardo Sampaio Marques

José Guilherme Tollstadius Leal

Caio César Simão

Luciana Pich Gomes

Juçara Aparecida André Dokonal

Eduardo Magalhães

Silvio Luiz Rodrigues Testaseca

Glauco Bertoldo

Nilton Antônio de Moraes

Alessandro Fidelis

Rodrigo do Espírito Santo Padovani

Leandro Diamantino Feijó

Jean Felipe Celestino Gouhie

Clóvis Augusto Versalli Serafini

Tiago Charão

Priscila Rech Pinto Moser

Rafael Mohana de Carvalho Refosco

Vanessa Medeiros de Jesus

Ana Lúcia de Paula Viana

Fabiana Villa Alves

Virgínia Arantes Ferreira Carpi

Roberto Carlos Papa

Carlos Turchetto

Fernanda Mascarenhas Magalhães

André Okubo

Dalci de Jesus Bagolin

Ellen Elizabeth Laurindo

Luna Lisboa

Frederique Abreu

Andréa Moura

Warley Campos

Márcio Rezende Evaristo Carlos

Marco Túlio Santiago

Luiz Cláudio de Santana e Caruso

Lucas Fiuza

Ana Carolina Miranda Lamy

Diego Leonardo Rodrigues

Marcelo Cláudio Pereira

Permitida a reprodução sem fins lucrativos, parcial ou total, por qualquer meio, se citada a fonte e o sítio da Internet onde pode ser encontrado o original (www.gov.br/agricultura).

Catálogo na Fonte

Biblioteca Nacional de Agricultura – BINAGRI

Resumo

O AgrolInsight nasce do compromisso do Ministério da Agricultura e Pecuária com o fortalecimento da presença do agronegócio brasileiro no mercado internacional.

Desenvolvido pela Secretaria de Comércio e Relações Internacionais (SCRI), com apoio dos adidos agrícolas presentes em 38 países, o material reúne análises estratégicas e oportunidades de negócios para produtores, exportadores e associações setoriais que buscam crescer de forma competitiva e sustentável.

Com base nas diretrizes do ministro André de Paula e sob a liderança do secretário Luis Rua, o AgrolInsight é resultado do esforço de uma equipe dedicada que acredita no potencial do Brasil como potência agroexportadora.

Este relatório é mais do que um compilado de dados — é uma ponte entre o agro brasileiro e o mundo.





INDONÉSIA: O MERCADO DA CARNE BOVINA. IMPACTOS DA POLÍTICA DE IMPORTAÇÃO ADOTADA EM 2026

Data: 13/05/2026

Posto: Jacarta/Indonésia

Palavras-chave: Indonésia; Carne Bovina; Importações; Preços; Abastecimento; Papel das Estatais.

Responsável: Carlos Roberto Turchetto Junior

SUMÁRIO:

Em 2026, a Indonésia alterou sua política de importação de carne bovina e carne de búfalo, concentrando cerca de 84% das cotas de importação em empresas estatais com o objetivo de estabilizar preços e reforçar a segurança alimentar. A medida reduziu drasticamente a participação do setor privado e gerou preocupações quanto à capacidade operacional das estatais para garantir o abastecimento nacional. O cenário foi agravado pela valorização do gado australiano, pela desvalorização da rúpia e pelo aumento da demanda durante o Ramadã e o Eid al-Fitr, contribuindo para pressões adicionais sobre preços e oferta de carne no mercado doméstico. O Brasil, que já fornecia carne apenas por meio das empresas estatais, pode se apresentar como parceiro estratégico nesta situação, podendo ampliar sua participação no mercado local por meio do fornecimento de carne bovina em maiores volumes a preços competitivos, auxiliando na estabilização de oferta e preços.

1. INTRODUÇÃO

A Indonésia é o quarto país mais populoso do mundo, com aproximadamente 283 milhões de habitantes. O consumo per capita de carne bovina oscila entre 2,3 e 5 kg/ano dependendo da faixa de renda e localização geográfica, com projeção de crescimento para 3,02 kg/capita em 2028 (Ministério da Agricultura da Indonésia / Databoks/Katadata, 2025). A cadeia de abastecimento divide-se entre produção doméstica, gado vivo importado para engorda em confinamento (principalmente da Austrália) e carne congelada importada. O Estado estabelece preços de referência tanto para o gado vivo quanto para a carne ao consumidor.

Em janeiro de 2026, o governo indonésio implementou mudança relevante na política de importação de carne bovina e carne de búfalo, concentrando 84% da cota de importação, estimada em aproximadamente 297 mil toneladas, em duas empresas estatais, PT Berdikari e PT Perusahaan Perdagangan Indonesia (PPI).

Do total da cota, aproximadamente 250 mil toneladas das permissões de importação foram direcionadas às estatais, enquanto cerca de 30 mil toneladas permaneceram disponíveis às 108 empresas do setor privado. Vale destacar que em 2025 o setor privado teve acesso a 180 mil toneladas, demonstrando a magnitude desta redução.

A política foi apresentada pelo governo como instrumento de estabilização de preços e fortalecimento da segurança alimentar. Entretanto, ao longo do primeiro semestre de 2026, diversos sinais de tensão surgiram no mercado local.

Associações empresariais ligadas ao setor de importação e distribuição de carne bovina manifestaram preocupação com a forte redução da participação privada nas importações.

Veículos de imprensa relataram que importadores privados consideraram a política excessivamente concentradora e alertaram para riscos de:

- desabastecimento parcial;
- redução da diversidade de produtos;
- perda de eficiência logística;
- dificuldades de abastecimento do setor HORECA (hotelaria, restaurantes e catering);
- redução de margens comerciais.

Representantes do setor afirmaram que muitas empresas privadas tradicionalmente responsáveis pela distribuição nacional ficaram com acesso muito reduzido às permissões de importação em 2026. Comerciantes e distribuidores locais também relataram queda significativa na disponibilidade de determinados cortes bovinos em mercados tradicionais durante o período do Ramadã.

2. DIFICULDADES DOS CONFINADORES

Os confinadores indonésios enfrentaram simultaneamente aumento de custos e forte pressão regulatória.

O principal problema relatado pelo setor foi a valorização do gado australiano para engorda. Reportagens do Beef Central e da imprensa econômica indonésia indicaram que os preços atingiram níveis historicamente elevados no primeiro semestre de 2026. Ao mesmo tempo, a rupia sofreu desvalorização frente ao dólar, os custos logísticos de importação de animais aumentaram e, consequentemente, as margens dos confinadores ficaram comprimidas, já que os preços de referência controlados pelo governo limitaram o repasse integral dos custos ao consumidor.

Em abril de 2026, o governo ajustou o preço de referência do gado vivo importado após pressão do setor.

Entrevistas publicadas na imprensa apontaram que operadores locais consideravam o novo nível de preços insuficiente para recompor integralmente as margens do setor.

3. PROBLEMAS OPERACIONAIS DAS EMPRESAS ESTATAIS

O desempenho operacional das empresas estatais tornou-se um dos temas centrais do debate de mercado em 2026.

Importadores privados e analistas locais questionaram a capacidade logística das estatais para substituir a rede distributiva anteriormente operada pelo setor privado. Os analistas destacam de maneira recorrente:

- a velocidade de internalização das importações;
- a capacidade de distribuição nacional;
- a adaptação dos produtos importados às demandas específicas do varejo e do setor HoReCa;
- o histórico limitado de execução integral das quotas atribuídas às estatais.

Análises acadêmicas também apontaram que a centralização das importações não demonstrou, até o momento, capacidade clara de estabilizar preços no mercado consumidor.

Frigoríficos locais e distribuidores relataram dificuldades relacionadas à previsibilidade de abastecimento. Segundo eles, a elevada concentração das importações nas mãos de empresas estatais gera incertezas sobre cronogramas de entrega, menor previsibilidade de estoque, maior volatilidade de preços e dependência da carne de búfalo indiana como alternativa de menor custo.

4. PROBLEMAS DE ABASTECIMENTO

A redução drástica da cota de importação por empresas privadas quebrou a fluidez do mercado, com relatos de greves de comerciantes e redução de vendas.

Por outro lado, a alta do preço do gado australiano para engorda e abate elevou o custo de aterrisagem nos confinamentos indonésios, prejudicando também o fornecimento de carne por abatedouros locais.

O câmbio desfavorável também desempenha papel importante nesta equação. A rúpia acumula depreciação frente ao dólar e ao dólar australiano, impactando não apenas os custos de importação de animais para engorda e abate, como também os custos das importações de carne em geral.

Os picos de demanda causados pelo Ramadã e Eid al-Fitr (mar/2026) amplificaram os desequilíbrios de oferta, com estimativas de mercado apontando altas entre 7% e 15% nos preços ao consumidor durante o período.

As importações de carne de búfalo indiano não foram capazes de estabilizar a oferta e os preços, já que este produto alcançou Rp 112.100/kg, 40% acima do preço de referência estabelecido pelo governo de Rp 80.000/kg.

5. IMPLICAÇÕES PARA O BRASIL

O mercado indonésio para a carne bovina brasileira foi aberto em 2019. A trajetória de expansão foi notável, especialmente entre 2023 e 2025.

Hoje o país é o terceiro maior fornecedor de carne bovina para a Indonésia, atrás apenas de Índia e Austrália, possuindo 52 estabelecimentos habilitados a este mercado. Segundo dados do Agrostat, o Brasil exportou em 2025 43,5 mil toneladas, correspondendo a 154,5 milhões de dólares.

A visita do Presidente Lula a Jacarta no final de 2025, com pauta explícita de segurança alimentar e carne bovina, seguida de engajamento técnico de autoridades agrícolas brasileiras, é apontada por analistas como fator determinante para o crescimento da presença do produto brasileiro neste mercado. Trata-se de um ganho diplomático de valor comercial direto e verificável.

Embora o Brasil tenha sido reconhecido pela Organização Mundial de Saúde Animal como país livre de febre aftosa sem vacinação, este status não é plenamente reconhecido pela Indonésia. Consequentemente, apenas as empresas estatais indonésias estão autorizadas a importar carne bovina do Brasil.

Desta forma, a drástica redução das cotas de importação concedidas à iniciativa privada não afetou diretamente as exportações brasileiras.

Por outro lado, nesse contexto de concentração das cotas, as relações comerciais previamente estabelecidas entre exportadores brasileiros e empresas estatais indonésias favorecem a ampliação da presença da carne bovina brasileira no mercado local.

O preço médio da carne brasileira praticado para a Indonésia foi de aproximadamente US\$ 3.584/tonelada. Diante do cenário atual, o aumento das importações do produto brasileiro pode ser instrumento de estabilização de oferta e preços por parte das estatais indonésias.

Apesar deste contexto atual, o Ministério da Agricultura do Brasil continua trabalhando para obter das autoridades indonésias o pleno reconhecimento de seu status sanitário, permitindo assim que o produto brasileiro acesse também as cotas de importação destinadas às empresas privadas.

Em 2025, o governo indonésio anunciou formalmente a autorização para importação de gado vivo do Brasil e da Nova Zelândia, pondo fim ao monopólio australiano que vigorava há décadas. Autoridades da Indonésia têm demonstrado grande interesse em que o Brasil passe a ser fornecedor de animais vivos de maneira regular ao país, provendo não apenas animais para engorda e abate, mas também animais reprodutores.

Apesar desta iniciativa, nenhuma exportação de gado vivo do Brasil para a Indonésia foi ainda concretizada em função, principalmente, dos gargalos e desafios logísticos e de custos envolvidos.

5. CONCLUSÃO

A política adotada pelo governo indonésio em 2026, ao concentrar as importações de carne bovina e carne de búfalo nas empresas estatais, buscou fortalecer a segurança alimentar e ampliar o controle sobre os preços domésticos. Entretanto, a combinação entre redução da participação do setor privado, limitações operacionais das estatais apontadas pelos agentes do mercado, valorização do gado australiano, desvalorização da rúpia e aumento sazonal da demanda durante o Ramadã e o Eid al-Fitr contribuiu para pressões adicionais sobre a oferta e os preços da carne no mercado interno.

Os sinais observados ao longo do primeiro semestre de 2026 indicam que a centralização das importações ainda não produziu os efeitos esperados de estabilização de preços e previsibilidade de abastecimento. Ao mesmo tempo, o cenário criou condições favoráveis para a ampliação da participação brasileira no mercado indonésio, especialmente em razão do relacionamento já consolidado entre exportadores brasileiros e empresas estatais locais.

Nesse contexto, o Brasil consolida-se como fornecedor estratégico de carne bovina para a Indonésia. No fornecimento de gado vivo, embora exista grande interesse das autoridades indonésias na participação brasileira, persistem desafios logísticos para a plena implantação desse comércio.